

## EL AQUELARRE: UMA PRÁTICA EDUCATIVA, CRIATIVA E LIBERTADORA

DAYANNA MICHELLE CANON PEREZ<sup>1</sup>; STEFANIA PACHECO ACOSTA<sup>2</sup>,  
MARINA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – dayis.canon.123@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – stefaniapachecoacosta@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é uma reflexão sobre uma ação de extensão denominada *Historias del Aquelarre*, dentro do projeto unificado LADRA - Laboratório de dramaturgia da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela professora Marina de Oliveira e ministrada pela aluna Dayanna Cañon. A ação foi realizada com alunas de graduação do programa de licenciatura em artes cênicas, da Universidad Pedagógica Nacional, na cidade de Bogotá, no ano de 2022. A oficina foi realizada de forma remota, e teve como objetivo investigar as possibilidades de criação dramatúrgica para a construção de narrativas femininas, usando o texto *Mulheres que correm com os lobos*, de Estés (2018), como estímulo para a exploração do conceito “mulher selvagem”.

Em relação ao exposto, considerou-se relevante a construção de narrativas femininas como uma ação social necessária atualmente. Segundo Gerda Lerner (1986), em seu texto *A criação do patriarcado*, historicamente as mulheres foram peças centrais para a construção da sociedade, só que não tiveram a oportunidade de expor a sua realidade como fizeram os homens. No entanto, temos adquirido uma história homogênea e patriarcal, em que as mulheres foram representadas com papéis padronizados, como o doméstico e submisso, os quais reproduziram violências e estereótipos sobre elas.

*Historias del Aquelarre* partiu da ideia de compreender as narrativas femininas a partir das vivências, experiências, sentires e desejos das alunas, isto como oportunidade de resignificação dos papéis representados pelas mulheres socialmente. Na oficina, debatemos sobre aspectos relevantes como a desigualdade, violências e imaginários preconceituosos acerca do que é ser mulher. Assim, no laboratório buscamos reconhecer as narrativas femininas como um instrumento rico de criação para a dramaturgia contemporânea, a compreendendo como uma composição feita de colagem, fragmento, subjetividade e sensibilidade.

### 2. METODOLOGIA

A oficina foi desenvolvida em seis encontros online, onde partimos de debates e conversas sobre o texto *A criação do patriarcado*, para a contextualização da desigualdade e esquecimento histórico das mulheres. Posteriormente, iniciamos o processo de escrita e composição de roteiros, usando o livro *Mulheres que correm com os lobos*, como inspiração. A leitura desse livro possibilitou a exploração do termo mulher selvagem, um conceito tratado na obra, e que funcionou como estímulo para a criação das histórias.

À medida que a oficina avançava, compartilhamos os textos escritos, pensamentos, vivências e ideias que surgiram da criatividade de cada uma. Assim

emergiram várias rodas de conversa, sobre diferentes contextos da mulher e da sua relação com a dor, a morte, o sangue menstrual, a maternidade, a morte etc. Por fim, cada uma delas passou a dramaturgia para um plano audiovisual. O processo de criação deixou como resultado três vídeos, que serão analisados no presente resumo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina *Historias del Aquelarre* teve como resultado três materiais audiovisuais<sup>1</sup> e roteiros construídos no laboratório de dramaturgia. Os vídeos contêm distintas linguagens, como a lírica, a épica e a dramática, que representam a subjetividade de cada uma das alunas. Isso permite reconhecer a dramaturgia como campo expandido, que funciona como lugar político, de denúncia e de expressão das artistas, compreendendo a narrativa feminina como “uma trama de várias linguagens artísticas, sendo em gênese fronteiriça, transdisciplinar e híbrida” (LYRA, 2019, p. 80).

O primeiro vídeo chama-se *A coluna* e foi realizado por Leidy Rodríguez, que abordou o conceito da dor como fonte de criação. No vídeo ela narra a história de uma mulher que sofre um acidente, e que se encontra na sala de emergência de um hospital. No meio da incerteza e da angústia, ela vai tendo uma conversa consigo mesma, vários pensamentos, sensações, emoções que emergem e a levam a refletir sobre as feridas, tanto dela como do seu país, expondo a injustiça, a violência, a falta de empatia e unidade da sociedade.

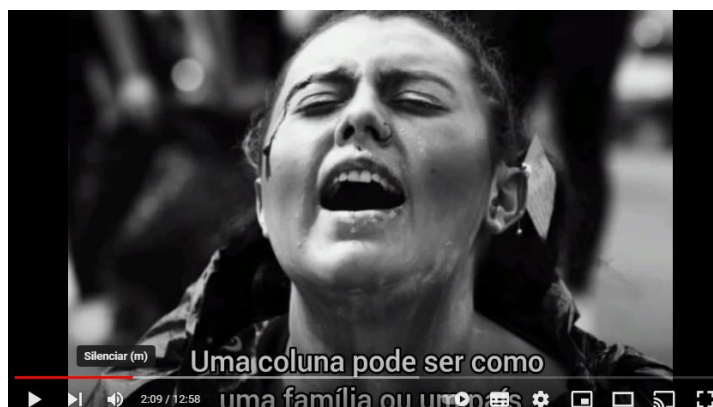


Fig. 1 Leidy Rodríguez em *A coluna*

O segundo vídeo denomina-se *O medo*, feito por Stefania Acosta, que partiu do sangue menstrual como fonte de criação e ressignificação feminina. O trabalho inicia com os relatos de uma voz feminina fazendo-se vários questionamentos sobre o fato de ser artista e mulher. Os ditos sentires vão transitando em assuntos como o assédio, a violência, o medo que sofrem as mulheres, mas também coloca o sangue como um símbolo de unidade, de força e coletividade feminina, uma rede onde é possível se sentirem livres e seguras.

<sup>1</sup> Os vídeos foram apresentados na mostra cultural do evento UNIFICA – 1º Congresso dos Projetos Unificados do Centro de Artes da UFPel, no dia 22 de agosto de 2023. Eles estão disponíveis para visualização no site do LADRA: <https://wp.ufpel.edu.br/ladrateatro/historias-del-aquelarre/>.



Fig. 2 Stefania Acosta em *O medo*

O trabalho de Stefania desenvolveu a interdisciplinaridade e performance, devido a sua composição rica em imagens, poesias, corpo e subjetividade, evidenciando como a dramaturgia feminina coloca a artista como eixo de criação desde “sua própria dimensão-corpo, destampa temas idiossincráticos, a ritualizar mitologias pessoais e tocar instâncias memoriais de teceduras coletivas” (LYRA, 2019, p. 80). Um exemplo disso, foram as cenas em que o sangue menstrual é regado na planta, fazendo referência a ele como vida e fertilidade.

Para Stefania, as leituras de alguns capítulos de *Mulheres que correm com lobos* tornaram-se um guia espiritual, já que Clarissa Pinkola Estés consegue colocar em palavras tudo o que nos conflita como mulheres. A partir disso, ela faz uma relação com a performance, inspirada pelo convite que a autora faz no livro de procurar nossos ossos e cantos e a mulher selvagem. Assim, Stefania apresenta o sangue como uma metáfora, do que vem de dentro, a ligação com a lua, a terra, os ciclos. Porém, ela expõe uma crítica aos anticoncepcionais que desregulam o corpo e desconectam a mulher de si mesma, facilitando a perda do seu interior.

O terceiro vídeo recebeu o título de *Latente* e é um trabalho de Viviana Carrillo, que transitou nas pulsações, nas batidas do coração e no corpo presente. No vídeo reconhecemos uma mulher em diversos espaços, aqui o corpo é o principal personagem, diversas sensações são expostas, uma narrativa que se dilata, colocada como uma experiência para os assistentes, cheia de ângulos, formas, símbolos e o corpo.



Fig. 3 Viviana Carrillo em *Latente*

Um fator relevante que encontramos no laboratório foi a composição de imagens de mulheres selvagens, pois este conceito permitiu-nos imaginar e propor o papel da mulher fora do corpo estereotipado da sociedade. Isso possibilitou que cada vídeo fosse potente em imagens de diversas feminilidades, fora do cotidiano, justamente na ideia de identidade e de exposição da realidade de mulheres que não são visibilizadas e que, de alguma forma, permitem uma relação de identificação com quem assiste, especialmente se for mulher.

*Historias del Aquellarre* partiu da configuração de um espaço seguro para as mulheres artistas, convidou a reflexão, a construção de pensamento crítico, a problematizar o papel da mulher na sociedade, e a arte como um campo que permite visibilizar e expor pensamentos. Assim, a construção de narrativas certamente foi possível devido a esse espaço íntimo, com resultados cartográficos, sensíveis e subjetivos das artistas.

#### 4. CONCLUSÕES

A ação de extensão *Historias del Aquellarre* permitiu principalmente que as mulheres se encontrassem em um espaço de reflexão sobre as suas próprias experiências, que funcionaram como ativadores para a criação de narrativas femininas, fora dos cânones sociais. Também utilizou o termo "mulher selvagem" como uma procura que amplia e transforma a linguagem, expressão e fala sobre as lutas das mulheres.

A oficina discutiu a relação entre os corpos femininos e seus contextos, que reverberam em lugares como a violência contra a mulher. Reconheceu a importância dos espaços educativos para mulheres, que demonstrem as realidades e permitam a reconfiguração de novas narrativas e discursos femininos através da criação artística.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LYRA, Luciana. Por uma dramaturgia feminista: jornadas de f(r)icção In: MONTEIRO, Aparecida de Souza. **Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 2**. Ponta Grossa: Atena, 2019. (p. 80-89).